A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 38 | Domingo 17 de setembro | 1893

SABINO COELHO

UE os incautos amigos de Alberto Braga se previnam. De um momento para o outro, sem o menor aviso, estão arriscados a virem ao conhecimento de que a *Semana de Lisboa* annuncia «para o proximo numero», o medalhão de X, acompanhado de um artigo de... qualquer d'elles.

Poderá succeder, até, que, só dois dias antes do praso, por acaso, saibam do annuncio feito, succedendo mesmo que d'esses dias o medalhista indigitado mal possa dispôr para cursivar apressadamente sobre o papel o thema que Braga lhes houver distribuido. E não será até de admirar que o Plutarcho eleito pelo director da *Semana* não conheça, sequer de vista, o vulto confiado á sua penna.

De tudo isto é capaz Alberto Braga, não que seja de sua natureza mau rapaz, mas porque, como director de gazetta, para obter original não recuará, nem diante do crime.

Contra a violencia a mim feita peço providencias a quem competir, como se costuma dizer nos jornaes, mas não tenho outro remedio senão executar-me por esta vez, tanto mais que a entrega não foi grande, visto não me ser desagradavel, antes pelo contrario, fallar de um amigo e de um collega tão estimado, e que tanto admiro.

Quem teria de se queixar mais, se não fosse tão desabusado de elogios, seria o proprio retratado, pois outros poderiam dizer d'elle o que eu não posso dizer, sem que a maledicencia esculapica, que não é das menos aceradas, me acoimasse de estar fazendo um réclamo profissional a um antigo camarada de consultorio.

Tenho, pois, de ser modesto por conta alheia, o que é, em geral, uma modestia facil de se ter, mas que n'este momento me peza a mim.

*
* *

Desde quando conheço Sabino Coelho?

Desde uma tarde, ahi por 1881, em que passando diante d'um quadro de photographo, ao Calhariz, Ramalho Ortigão e eu nos demorámos analysando o grupo exposto dos ultimos quintannistas da Escola Medica de Lisboa.

«Boa cara, disse Ramalho, apontando para uma das cabeças. É o melhor! Atraz do vidro da luneta, sente-se que o olhar é fino e intelligente».

Quem era, quem não era, nenhum de nós o sabia. Tinha eu de sabel-o pouco depois.

Effectivamente, por esse tempo abrira-se concurso na Escola Polytechnica para duas vagas de zoologia. Eram concorrentes Fernando Mattoso, que ainda conhecera em Coimbra, o meu dilecto amigo e hoje collega Antonio da Costa Lima, que ali frequentára tambem mathematica, emquanto eu cursava medicina, eu, e o, para mim desconhecido, Sabino Coelho, laureado alumno da Escola Medica.

No atrio da Escola nos encontrámos pois um dia os quatro disputando os dois logares de professor, e foi então que em Sabino Coelho reconheci, e conheci,

o quintannista, em cuja photographia Ramalho Ortigão, atravez da luneta, descortinára aquelle olhar «fino e intelligente», que ainda hoje no medalhão o leitor poderá encontrar, sempre atravez da mesma luneta.

Correram as provas, com mais fortuna para uns do que para outros, mas com honra para todos, pois, os que não foram eleitos então, foram acolhidos de braços abertos no subsequente concurso em que se apresentaram.

Na vespera da decisão do jury, fôra particularmente informado de que a opinião da Escola se inclinava a classificar Mattoso em primeiro logar, e eu em segundo. Esperava, pois, esse resultado.

Não succedeu, porém, assim e foi Sabino Coelho que obteve a classificação, com que eu contava para mim.

Honro-me, em dizel-o — e o leitor me desculpará de abrir um parentheses pessoal — encontrei-me á altura da situação: nem o menor impulso de despeito me sobresaltou. Como tive sempre mais o culto da justiça do que o do interesse — e, em minha consciencia, Sabino, que praticára alguns annos junto do eminente professor e naturalista Barbosa du Bocage, embora podesse ter sido um pouco menos afortunado, se é que o foi, do que eu nas suas provas, sabia mais do que eu — fui o primeiro a subscrever em mim mesmo á decisão do jury. E tomando da pena, apressei-me em felicitar Sabino Coelho, para quem o facto representava no principio da sua carreira, mais do que um simples triumpho academico.

Sabino respondeu-me com effusão, e n'esta nossa primeira troca de correspondencia ficou sellado o primeiro laço de uma estima reciproca.

* * *

Sabino Coelho foi despachado lente substituto de zoologia, mas não chegou a aquecer o logar. Da Escola-Medica sollicitavam-no. Veiu ao primeiro concurso de cirurgia, foi provido, e assim abandonou logo o Museu pelo theatro anatomico e pela enfermaria. Era por ahi que ía fazer carreira, assignalando-se entre os coryphéos da cirurgia portugueza.

É muito costumeira lusitana dizer mal do que é nosso, e achar todos os confrontos desfavoraveis para as nossas cousas. É claro que não somos perfeitos e que em muita cousa o nosso atrazo é grande. Mas se ha ramo que entre nós tenha estado em constante florescencia é a cirurgia. E n'este ponto a influencia da Escola de Lisboa é verdadeiramente gloriosa.

Sem ir mais atraz, veja-se a longa serie que vem desde Lourenço da Luz e Magalhães Coutinho, passando por Arnaud, Ribeiro Vianna, Barbosa, Theotonio, Arantes, Alves Branco, Manuel Bento, até vir entroncar nos mais modernos, Curry Cabral, Boaventura, tão prematuramente inutilisado pela doença, Ravara, Gregorio Fernandes, e nos modernissimos, que começam em Feijão e se prolongam na joven pleiade, em que figuram, armados de todos os mais adiantados processos da technica cirurgica, Serrano, Sabino, Bordallo Pinheiro, Alfredo da Costa, Furtado, etc.

No seu recente elogio historico do eminente e sempre saudoso Antonio Maria Barbosa, assignalou Manuel Bento a nossa grande vocação para a arte operatoria. Deve-se sem duvida muito á Escola-Medica no desinvolvimento d'essas aptidões, mas não se deve esquecer a influencia d'essa outra grande escola, que é o chamado *Banco do Hospital*. Todos que por lá passaram e teem de passar, podem, porque em tudo a fortuna é varia, não se elevarem egualmente na fama publica, mas todos são por legitimo titulo verdadeiros cirurgiões, sempre destemidos e promptos para as mais delicadas urgencias.

Ora, é no meio de um conjuncto de tão notaveis cirurgiões (e é possivel que algum nome me escapasse na precipitação a que me obrigou Alberto Braga) que brilha, com um brilho especial, o nome de Sabino Coelho.

Ha tempos, um medico illustre que não pratica a cirurgia, mas que com ella gosta de conviver, apreciando os novos da arte, dizia-me: «ha tres, que estão acima de todos.»

Não direi, — porque os cirurgiões passam por ciumentos, — quem são esses tres, tão auctorisadamente classificados, nem menos ainda diria a ordem porque me foram indicados. Apenas noto que entre os tres nomes que me foram revelados figura o de Sabino Coelho. A sua qualidade *maitresse* é a extraordinaria rapidez e firmeza com que procede, e se isto não vale já tanto, como outr'ora, quando não existia, nem anesthesia, nem hemostasia, nem antisepcia, ainda hoje vale muito, muitissimo.

Mas nem todos fallam com tanta imparcialidade de Sabino.

Em primeiro logar, elle tem, além da aptidão operatoria de primeira ordem, talento geral e superior illustração, e não é dado a todos perdoar tanta cousa junta. Nunca o ouvi na sua cadeira de professor expondo a arida materia da anatomia pathologica, mas a sua reputação entre os competentes n'este particular, que são os alumnos, é de um prelector mui proficiente e clarissimo. Na argumentação das theses finaes, os *afficcionados* d'esses certamens, consideram-n'o *virtuose* de primeira grandeza, ao lado dos emeritos sophistas que se chamam Sousa Martins e Raposo. De resto, os rapazes, com quem elle trata muito mano a mano, gostam d'elle.

Tambem ha quem lhe não perdoe a independencia com que elle abriu carreira, sem ir pela mão de nin-

guem, qual joven Telemaco da clinica. É justo? Não é. Mas é humano.

Finalmente, terceiro aggravo: a despeito de excellente operador em todos os ramos da cirurgia, Sabino estudou em particular uma especialidade, e essa especiálidade é a *gynecologia*, que é como quem diz — as molestias exclusivamente femininas.

Em Portugal ainda ha quem embirre com as especialidades, pela mera satisfação de ter mais alguma cousa com que embirrar, e no que toca á gynecologia, cirurgiões ha que tambem embirram com ella, a pretexto de certos excessos, ou pelo motivo de que não é do seu tempo. O proprio Verneuil parece que não escapou a essa fraqueza.

Ainda ha pouco, echo d'essas reluctancias, o *Figaro* publicava um artigo medico de tunda á cirurgia abdominal, sob este titulo, realmente expressivo: *Jack, o estripador.*

Ora para os que não querem bem á cirurgia de Sabino, e ás suas admiraveis operações, elle é que é o nosso *Jack.*

Jack, quanto quizerem, mas *pour le bon motif*, pois as suas operações, sempre judiciosa e conscienciosamente resolvidas, teem salvo vidas, sem ellas condemnadas!

Mas da mesma maneira que a cirurgia visceral já não volta para traz, e cada vez mais tende a invadir o dominio da medicina propriamente dita, o nome de Sabino Coelho não retrogradará na fama que conquistou, não diremos á ponta da espada, mas á ponta do bisturi.

Para o clinico, effectivamente, o que importa, não é tanto a opinião dos seus pares, nem sempre imparciaes, na sua qualidade de officiaes do mesmo officio, como especialmente a sympathia dos seus clientes. Ora para as suas doentes, e estas são o grosso da sua clientela, Sabino é cheio de mimo, de condescendencia e de discrição, e, dada a especialidade a que se dedica, comprehende-se quanto a sua já assignalada facilidade e presteza operatória poupa as naturaes reluctancias femininas.

Porque, alem do mais, onde não é discreto que os olhos da cara possam olhar com demasiada curiosidade, Sabino tem, como quem diz, olhos clinicos nas pontas dos dedos, e que substituem aquelles outros. Affirmamol-o: o joven professor seria capaz de extirpar os mais reconditos orgãos de uma *miss* ingleza, sem que ella podesse dizer, o que tão facilmente dizem as filhas da nossa boa amiga Albion, — *oh, shocking!*

*
* *

Tal é Sabino Coelho — o nome todo é Sabino Maria Teixeira Coelho — como eu o sei, e com tudo isto muito simples e modesto, ao ponto que tanto se importa do mal, como do bem que d'elle dizem. Assim d'este annunciado artigo, já elle me disse, encontrando-me ha dias, com o seu ar de humoristica bonhomia: «Homem, sempre estou curioso de ver o que v. arranja para dizer de mim!»

Sabino trabalha todo o dia, estuda á noite, e, quando chega Julho, vae burguezinhamente veranear para a Porcalhota...

Querem homem mais desabusado do convencionalismo mundano?

EDUARDO BURNAY.

POLITICA SEM POLITICA

N'esta quadra pouco prodiga de livros originaes apparecem colleccionados n'um grosso volume de 360 paginas os artigos que o sr. conselheiro Marianno de Carvalho este inverno publicou nas columnas do *Diario Popular*, expondo o seu plano de reorganisação economica e financeira do paiz.

O livro é editado por um grupo de amigos e admiradores do illustre estadista, prefaciado pelo sr. Marianno Pina, e distribuido gratuitamente — como uma sopa espiritual economica — a quem o queira lêr.

N'aquella serie de artigos mais uma vez o sr. Marianno de Carvalho revella os recursos do seu grande e incontestavel talento, da sua imaginação meridional e da graça picante do seu espirito.

Segundo o plano do conceituoso jornalista, Portugal, dentro de poucos annos, ficaria convertido n'um dos mais ricos e mais poderosos paizes do mundo.

Pondo e dispondo aquelles milhares de libras, que resaltam e reluzem nas paginas do livro, como se o inundassem as aguas do famoso rio Pactolo, o sr. Marianno de Carvalho collocaria o paiz livre de encargos e n'um periodo de prosperidade e riqueza. Transformaria o reino de Pantana, que o paiz está sendo, n'um venturoso reino de Astrêa! Tudo caminharia *sur des roulettes*, as quaes nem faltariam nas praias para attrahir a attenção e a cubiça do argentario estrangeiro.

Vejam este trecho, extrahido do livro:

> Que não seria, por exemplo, este porto de Lisboa, se n'elle viesse concentrar-se uma parte consideravel dos commercios norte-americano e brazileiro?... Que florestas de navios a encherem-nos o porto; que desenvolvimento phenomenal de novas construcções para armazens vastissimos, caes, pontes, docas; que abrir de novos escriptorios commerciaes e bancos; que faina de reparação e abastecimento de navios; que profusão de productos agricolas indispensaveis para fornecer tantas e tão numerosas tripulações; que vida, que actividade, que luminoso desenvolvimento de trabalho fecundo, succedendo a esta triste solidão do amplo e formoso Tejo, a este vadiar de pretendentes famintos de miseros empregos, a este enojoso tumultuar de banaes intrigas, que só para mal servem!...

O quadro é na realidade tentador e deslumbrante; mas... bem o prega Frei Thomaz!

Interino.

CHRONICA ELEGANTE

Graziel foi odiado e amaldiçoado em Cascaes por ter dito na sua ultima chronica que aquella villa tinha ainda os mesmos defeitos que se observam nas praias mais incultas do norte do paiz. Piedade, pois, para Graziel, que, n'um fugitivo momento de candura, não fez mais do que dizer a verdade! Mas, se ainda assim o exigirem, Graziel, sem que seja preciso recorrer ás torturas que os tyranos infligiram a Galileu para o obrigar a dizer que era a terra que estava fixa e que era o sol que em torno d'ella se movia, Graziel promptamente declarará que é Cascaes a mais bella praia do mundo, que nenhuma outra é mais aceiada, mais elegante e mais pittoresca.

Graziel conhece por tradicção as praias mais afamadas da Europa, e até conhece, por lá ter estado, a praia de Arcachon, que é das menos importantes. Percorreu aquellas ruas tão limpas como as de um mimoso parque inglez; installou-se n'um hotel, cuja grandeza de construcção e luxuoso adorno das salas podem competir com os dos melhores de Paris; visitou o casino tão elegante, d'um feitio mourisco, erguido no alto de uma suave collina; admirou a profusão de lindos e graciosos *chalets* emboscados na sombra de um cerrado pinheiral; frequentou o theatro, onde representava uma excellente companhia de operetta; esteve na praia, vendo aquellas barracas de madeira pintadas com listas de duas côres e correctamente alinhadas no areial; seguiu os airosos *yatchs*, que, de velas pandas, iam vogando brandamente nas aguas azues e serenas da enseada; viu tudo isso, contemplou tudo isso, admirou tudo isso; e, ainda agora, se a Cascaes lhe apraz e se Cascaes o exige, Graziel declarará, pondo a mão sobre os Sagrados Evangelhos, que Arcachon é horrendo e que Cascaes é sublime!

Graziel referiu-se na sua ultima chronica ao deploravel aspecto da villa, e não ás pessoas que a frequentam. E, n'esse caso, só o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, que tem empregado todos os esforços e todas as vassouras para que Cascaes seja menos suja, menos repugnante e menos fétida, só o sr. Jayme Arthur tem direito de reclamar. Emquanto Jayme Arthur o não fizer, as outras pessoas não teem direito para tanto.

Mas Graziel não disse que em Cascaes se aborrecia o visitante ou o banhista. Nunca tal dirá! Elle bem sabe que para a suprema felicidade do homem o aspecto do local em que elle se encontra é absolutamente indifferente. Já o dizia Lamartine que o verdadeiro paraizo é o sitio em que o homem possa contemplar extasiado os olhos da mulher amada.

Colloquem nos famosos jardins de Semiramis, rodeada das mais bellas rosas e incensada pelos mais inebriantes perfumes, uma preta do Bihé, feia, grossa, de nariz chato e beiços carnudos, e, francamente, voltarei de preferencia os olhos para uma humilde janella de agua-furtada onde assôme, á luz branda do luar, o rosto branco e mimoso de qualquer linda creatura que eu conheça e admire. E adeus famosos jardins de Semiramis, adeus bellos roseiraes em flôr, adeus perfumes inebriantes!

Não devem, pois, as elegantes banhistas de Cascaes indignar-se contra a chronica de Graziel. Podem discordar da opinião do chronista, quando elle affirma que a villa é feia; mas concordarão todas, de certo, quando elle affirmar, como affirma agora, que todas as banhistas são formosas! E a que se não considerar n'esse numero, que se denuncie, se é capaz!

GRAZIEL.

CONFIDENCIAS Á GUITARRA

I

Em ouvindo uma guitarra,
Páro, tirando o chapeu;
Não me importa de morrer,
Se houver guitarras no ceu.

FOLHETIM

O CASTELLO DE ALMOUROL

I

Trajava por costume roupas escuras. As toucas alvissimas, caidas talvez de mais para a testa, e o córte dos vestidos á beguina, affirmavam o programma da sua virtude inaccessivel. Supersticiosa, e com a memoria recheada de orações, de visões, e de devotas crendices, o seu defeito capital era occupar-se muito com as vidas alheias, enfiando um rosario de conselhos a proposito de tudo, e mexericando, por indiscreta, amos, criados, e hospedes, mas sem intenção ruim. Todos se encobriam d'ella, quanto podiam, porém ninguem a aborrecia. Temiam-se da intemperança de suas confidencias, mas confessavam a bondade do seu caracter, que era na verdade excellente.

Romão Pires, tirando a estafada repetição de suas campanhas, representava em tudo o opposto d'ella. Sério, como um santão, embizourado, e quasi sempre com a aguda barba escondida na gargantilha, se levantasse a vista e a curiosidade para os negocios dos outros, cuidaria faltar a Deus, a si, e ao mundo. Sua boca era sagrada, e segredo que lhe caisse no peito ficava sepultado n'elle profundamente.

Apesar d'estas qualidades contrarias e talvez mesmo pelas possuir, era o conselheiro nato da sr.ª Brizida em todos os casos intrincados, e o defensor convicto dos seus medos e indiscripções. — «Boa alma! Boa alma! respondia aos que a censuravam. Tem o defeito de fallar de mais, mas é uma santa pessoa.» — Brizida pagava-lh'o. Para escutar a milessima edição das guerreiras epopeias do escudeiro, até fazia o sacrificio de suspender a loquacidade propria!...

O sr. Romão Pires, amortalhado na eterna roupeta e n'umas calças côr de pulga, esguio, comprido, e hirto, com um par de oculos de azelha montado no cavallete do interminavel nariz, não desabotoava a seriedade do rosto, nem dava ferias ao enfado chronico senão para sorrir á sua comadre Brizida. Aquelles olhos verdes desbotados não se animavam senão para festejar algum bom dito da matrona, cujas fallas assucaradas contrastavam com a voz rouca e soturna do antigo campeão da independencia portugueza. A predilecção honesta, mas decidida dos dois um pelo outro, não escapára aos criados, e todos acreditavam que, cedo ou tarde, o vinculo matrimonial ainda viria apertar mais estreitamente a união de duas almas já tão intimas.

A quinta, em que residiam havia duas semanas, situada na margem direita do Tejo, estendia as matas e charnecas até á ribeira, que separa Paio Pelle da villa de Tancos, da qual a casa, construida sobre uma collina, distaria pouco mais de dois ou tres tiros de espingarda. Era palacio antigo, talvez fundado por meiados do seculo XIV, accrescentado, e reparado pelos fins do XVI. As ameias, já derrubadas em muitos lanços de muro, proclamavam a sua velha e legitima nobreza. Duas alas terminadas por torres fortificadas em tempos mais remotos, saindo

2

Guitarra, feita de sandalo,
Guitarra, que estás ahi,
Gosando a dita de ter
Os seus olhos sobre ti.

3

Ó guitarra, guitarrinha,
Enfeitadinha de laços,
Ditosa passas a vida,
Deitadinha nos seus braços.

4

Aprendendo á minha custa,
Já sei agora entender,
Uma guitarra a chorar,
Um coração a soffrer.

5

Guitarra do meu amor,
Quando n'elle estou pensando,
Nem eu sei o que ella diz,
Nem ella o que está tocando.

6

N'esta vida, guitarrinha,
Ao contrario tudo vejo;
Desejo o que tu possues,
Tu possues o que eu desejo.

7

Se eu fosse aquella guitarra,
Com tal calor tocaria,
Que a neve da sua mão
De certo, lh'a derretia.

8

Por mais que chores, guitarra,
Ser alegre é teu destino;
Se queres cantar tristezas,
Vem ouvir-me, que eu te ensino.

9

Fosse eu guitarra, andarias
Em perpetua confissão.
A guitarra perguntando,
Respondendo o coração.

10

Ó guitarra, guitarrinha,
Que me estás a consolar,
Coitado de quem morreu
Sem nunca te ouvir tocar.

11

Fizesse-me Deus guitarra!
— Coração de pedra e gêlo! —
Taes gemidos soltaria,
Que havia de enternecel-o!

12

Fizesse-me Deus guitarra!
— Coração de pedra dura! —
Havia de amollecel-o,
A falar-lhe com doçura!

13

São meus versos, tocadora,
Pequeninos madrigaes;
Hão de outras, talvez, ouvil-os,
Nenhuma os merece mais.

14

Da sua guitarra d'oiro,
Quizera uma corda ser,
Para quando me tocasse
Um dedinho lhe prender.

15

Se me désses attenção,
— Ó guitarra, não suspires! —
Ensinava-te segredos,
Para tu lh'os repetires.

---

fóra do corpo principal do edificio, formavam os lados do espaçoso terreiro, rasgado diante da fachada, cujas doze janellas de architectura irregular olhavam para elle. No terreiro se tinham jogado cannas e corrido touros nos anniversarios festivos dos senhores.

A casa era antiga, como dissemos, e estava muito velha. Nas juntas e articulações das pedras carcomidas cresciam tufos de viçosas parietarias. Uma arcada sombria, sustida por grossas pilastras, resguardava as entradas das duas escadas, que subiam em volta de caracol até ao primeiro andar. Outra porta, por baixo do centro da arcada, dava serventia por uma rampa para os subterraneos allumiados ao rez do chão por agulheiros. No piso nobre corria uma fileira de salas nuas, frias e tristes, lageadas de ladrilho. Sobre os corredores por onde o ar e uma luz escassa a custo circulavam, abriam as alcovas suas portas envidraçadas. Seguiam-se muitos aposentos, mais ou menos escuros, crusados de passagens, de escadas furtadas, e de portas falsas, compondo desde o andar terreo até aos vãos debaixo dos telhados, uma rêde inextricavel, um verdadeiro labyrintho. A casa de jantar, forrada de carvalho em molduras, prolongava-se á maneira de refeitorio entre dois extensos corredores. Na extremidade de um d'elles baixava uma escada para o jardim, na outra empinavam-se os degraus da escada, que ia para os vãos, os quaes por cima corriam em largura e comprimento da casa. As torres communicavam-se com o corpo do edificio por duas portas esguias e abobadadas, aferrolhadas havia longos annos, Os eirados, meio abatidos, vertiam-lhes dentro em torrentes as chuvas caudaes do inverno.

O jardim, ornado de canteiros e de poiaes azulejados, com um tanque de pedra no meio, e um satyro hediondo entornando a urna desforme, creava algumas roseiras e craveiros degenerados entre urtigas, papoulas, e malmequeres bravos. As hortas mais cuidadas pegavam com as terras de pão, cingidas de vallados altos, defendidos com pitteiras. O aspecto do palacio era carregado de melancholia. Rodeado de solidão justificava em sua tristeza as queixas, que ouvimos á sr.ª Brizida. Porque escolhera, porém, D. Magdalena aquelle êrmo para abrigo dos filhos e dos criados, quando tinha tantas propriedades mais alegres e reparadas aonde podessem respirar, longe do bulicio da côrte o ar do campo?

D. Magdalena descendia da familia illustre dos Coutinhos Noronhas, de que fôra tronco e progenitor o marechal Gonçalo Vaz Coutinho, senhor do couto de Leonil, e meirinho-mór por el-rei D. Fernando na comarca da Beira. Formosa, discreta e recatada, perdera seu marido, D. Vasco Mascarenhas, mestre de campo dos exercitos de D. João IV e D. Affonso VI, havia tres annos, e ainda não enxugára as lagrimas da viuvez. Em edade de merecer e de acceitar requebros, tinha-se recolhido na sua casa de Lisboa, aonde não recebia senão as visitas de alguns amigos antigos da familia, guiando-se em tudo pelos conselhos de fr. João Coutinho, seu irmão, grande sabio, e doutor em canones e theologia, o qual se encarregára de dirigir a educação litteraria dos sobrinhos.

D. Vasco Mascarenhas, tão distincto pelo nascimento, como pelas qualidades do caracter e do espirito, unira ás propriedades de sua casa, já mui rica, o senhorio da villa de Paio Pelle e do castello de Almourol, que sua mulher lhe trouxera em dote, mas quasi sempre occupado

16

Minhas penas são as folhas
Arrastadas na corrente;
Só tu sabes que são minhas,
Ó guitarra confidente!

17

Andaste na minha escola,
Sabes tanto come eu sei,
Falas bem aos corações,
Guitarra, que eu ensinei!

18

Ha guitarras que teem nervos,
Que teem sangue e teem calor;
São guitarras, que acompanham
Certas cantigas de amor!

19

Julgo ouvir-te, mas é sonho,
Ó guitarra, guitarrinha!
Tocada por mão d'um pagem,
Defronte d'uma rainha!

20

Guitarra, que não aqueces,
Embora cantes com brio!
Quando não fala de amor,
Toda a guitarra tem frio!

(Continúa). FERNANDES COSTA.

Anniversarios da semana

Domingo 17 — As sr.as: Marqueza de Vagos, D. Maria da Graça Almada e Castro Brandão (Azenha), D. Ermelinda de Moraes Palmeiro (Regaleira), D. Felismina Alves Branco, D. Maria Vicencia Mazziotti, D. Maria Arrabida de Noronha, D. Adelaide Amelia d'Azevedo Assa Castello Branco.

E os srs.: Visconde de Santo Ambrozio, D. Salvador d'Almeida Portugal Soares d'Alarcão (Lavradio), Manuel de Castro Lemos de Magalhães Menezes Pamplona (Beire), Conselheiro Alberto Antonio de Moraes Carvalho, Dr. Adriano Augusto da Silva Monteiro.

Segunda-feira 18 — As sr.as: Condessa de Mesquitella, D. Maria Elisa d'Almeida Napoles, D. Aurora Carolina Alves Xavier da Silva, D. Leonor Augusta Vieira de Castro Guedes, D. Christina d'Almeida Pinto e Abreu, D. Maria Albertina Galvão.

E os srs.: Dr. Manuel de Menezes, Dr. Ariosto Moncada, Guilherme Soares (Ancede), Francisco de Campos Valdez, Cypriano Forjaz Pereira de Sampaio, João Forjaz Pereira de Sampaio, João Velloso Azevedo Coutinho.

Terça-feira 19 — As sr.as: D. Anna Amelia Villela Heredia de Barros Leite, D. Maria Jacintha d'Azevedo Coutinho, D. Narciza Carolina Cordeiro Lobo Soares Brandão, D. Henriqueta Cardoso da Costa, D. Maria Amelia Leite Mendes de Almeida.

E os srs.: D. Miguel de Bragança, Alfredo de Castro e Silva, Julio de Proença Fortes.

Quarta-feira 20 — As sr.as: D. Emilia Augusta Benevides, D. Henriqueta Pereira da Cunha Carvalho, D. Brites Victoria d'Abreu Reis Duarte e Cunha, D. Laura Telles d'Oliveira, D. Eloisia Martins d'Almeida.

E os srs.: Jorge Veiga, José Augusto de Sousa Oom, José Antonio da Costa Leal, José d'Abreu Macedo Ortigão, Julio Cesar de Moraes, Caetano de Lacerda e Mello, José Joaquim Xavier de Brito.

Quinta-feira 21 — As sr.as: D. Emilia Candida Simas, D. Rosa Adelaide da Motta Marques, D. Maria da Nazareth Ephigenia de Albuquerque D. Elisa Malheiros, D. Palmira de Figueiredo Macedo.

E os srs.: Conselheiro Arnaldo Braga, D. Polycarpo Xavier da Silva Lobo, Gonçalo Caldeira (Borralha), João Maria Lobo de Castro Pimentel (Ervedal), Victor Augusto Telles de Castro.

Sexta-feira 22 — As sr.as: Viscondessa do Ervedal, D. Carlota Joaquina Soares de Lencastre Madureira (Alentem), D. Thereza Delphina de Sampaio, D. Eugenia Burnay, D. Antonia Luiza Cabral Teive, D. Maria Rita d'Almada e Castro, D. Maria Adelaide de Lorena Queiroz.

E os srs.: Visconde da Charuada, Leopoldo Augusto Machado Monteiro de Campos, José de Menezes Jacques de Vasconcellos, Antonio Judice Cabral, Albino Botelho Souto Mayor.

Sabbado 23 — As sr.as: Condessa d'Almada, Condessa da Foz, Vis-

---

na côrte com os negocios politicos e no serviço activo das armas, só duas vezes visitára de fugida aquelle solar desamparado, que principiava a cair em ruinas, entregando o grangeio das terras e a cobrança dos direitos do donatario, com excessiva confiança, diziam os murmuradores, á probidade equivoca do feitor Paulo Rodrigues, camponez avido e ladino, que mais as disfructava como usurario, do que as geria como administrador. Avisada de que o palacio e as fazendas se arruinavam n'aquellas mãos viscosas, D. Magdalena resolvera vêr por seus olhos o verdadeiro estado das cousas, na companhia de seu irmão, fr. João Coutinho, ficando para depois decidirem ambos o que julgassem mais conveniente.

Outra razão serviu de estimulo para a partida dos filhos da casa, dissimulada com o pretexto da necessidade da mudança de ares. Antigas relações de parentesco ligavam a familia dos Mascarenhas com o segundo ramo dos Noronhas, cujo opulento morgado possuia grandes bens na mesma comarca, aonde existia o solar dos Coutinhos. O logar do Arripiado, que tão viçoso beija as aguas do Tejo, defronte de Tancos, com dilatados campos e charnecas, pertencia ao velho D. Nuno, cujo filho unico, D. Affonso de Noronha, saira da côrte para o exercito do Alemtejo. D. Affonso, illustre pelo berço, e já illustre pelo valor, vira crescer em belleza, primeiro com assombro, depois com paixão ardente, sua prima D. Maria de Mascarenhas, e não encobrira de seu pae o amor, que ella lhe inspirava. D. Nuno confiou este segredo á ditosa mãe, e ella, não podendo desejar casamento mais vantajoso, nem mais da sua escolha, antes de dar o sim, quizera, comtudo, sondar disfarçadamente as inclinações da donzella. Conheceu com alegria, que D. Affonso começára a apoderar-se d'aquelle coração, que em sua innocencia principiava a balbuciar apenas as primeiras e vagas aspirações de um sentimento, que não sabia definir ainda.

Corria o anno de 1663. D. João de Austria, á frente das armas castelhanas, tentára o derradeiro esforço, invadindo Portugal com dezeseis mil soldados, e os nossos generaes, juntando as forças, mal conseguiram oppor-lhe cinco ou seis mil. A cidade de Evora, que devia ser um dos baluartes da resistencia, accommettida no dia 14 de maio, capitulára, depois de pouco honrada defeza. Este revez aggravou os receios, e as partidas de cavallaria inimiga chegaram a insultar Alcacer. D. Sancho Manuel convocára immediatamente os officiaes a conselho, e só um voto, o d'elle, approvára a conveniencia de ferir a batalha, que as ordens do governo prescreviam como remedio extremo. A pericia de Schomberg, temendo como inevitavel o desastre, viu n'elle o ultimo precipicio da independencia; mas a feliz temeridade do conde de Villa Flor, fechando os olhos á prudencia, applaudia o encontro decisivo dos dois exercitos, como o unico meio, embora desesperado, de salvar a provincia e o reino da sujeição estrangeira.

O povo de Lisboa, assustado, furioso, e alvorotado nas praças, assaltára as casas de Sebastião Cesar, do marquez de Marialva, e de Luiz Mendes de Elvas. A todas as horas se aguardavam noticias da marcha das tropas, e todos tremiam. Um lance repentino podia sepultar para sempre as esperanças de Portugal!

(Continúa). REBELLO DA SILVA.

condessa da Torre das Donas, D. Eugenia da Cunha Menezes (Castro Marim), D. Maria Constança de Mendonça da Silva (Abrigada), D. Cecilia de Moura Cabral, D. Rachel Corrêa Alves.

E os srs.: Conde de Villa Real, Americo Ferreira dos Santos Silva, Antonio d'Abranches Queiroz.

EPHEMERIDES SEMANAES

10 — Regata em Paço d'Arcos promovida pelos socios do Real Club Naval.

— Fallecimento de Sivestre Bernardo Lima.

13 — Partida de S. M. El-Rei para Tancos.

14 — Realisa-se em Tancos o simulacro da batalha de Asseiceira.

— É assignado no ministerio da marinha o contracto entre o governo e a companhia da Zambezia, para a construcção e exploração d'uma rêde telegraphica na Zambezia e d'um cabo submarino entre Quelimane e Moçambique.

— Começa no governo civil a inspecção sanitaria ás pessoas vindas do estrangeiro pela fronteira.

15 — A folha official publíca decreto exonerando Joaquim Augusto Guart Mayer do logar de chefe da 1.ª secção da estação dos correios de Lisboa.

— Tambem publíca decretos transferindo mutuamente os srs. Guilhermino de Barros e Madeira Pinto.

— Publicação no *Diario* da reforma dos serviços de fazenda.

16 — Novas experiencias do submarino Fontes Pereira de Mello.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

Reabriram já os theatros do Gymnasio e da Trindade, e espera-se para breve a reabertura dos circos.

O theatro de D. Maria só funccionará em novembro. A companhia deve vir em viagem do Rio de Janeiro.

Segundo annunciaram os periodicos, diversas peças originaes serão apresentadas n'este theatro para a proxima epocha; mas, tantas são ellas, que, no dizer do critico das *Novidades*, chegarão para, em cada quinzena, se poder mudar o espectaculo. Em presença d'esta prodigalidade litteraria, terá a empreza *l'embarras du choix*. É difficil tarefa a escolha, a que deve presidir a maior imparcialidade e o mais justo criterio. Terá a empreza que vencer imposições, e de se resignar afinal com a malquerença dos auctores que forem sacrificados. Na acceitação das obras dramaticas deve a empreza exigir, como qualidade indispensavel, a pureza da linguagem, para que no palco do nosso primeiro theatro de declamação se não repitam, como infelizmente tantas vezes tem succedido, dialogos incorrectos na fórma, falsos na essencia, sem elevação, sem brilho, sem nenhum dos predicados, emfim, que se requerem em qualquer trabalho litterario. Póde talvez dispensar-se o primor e correcção da linguagem nas peças que sobem á scena n'outros theatros, e essa falta ser substituida por outras qualidades que attraem e divertem o publico; no theatro de D. Maria, porém, não póde, ou não deve succeder o mesmo. Desde que as obras dramaticas são consideradas obras litterarias, e desde que servem não só para divertir como para educar o publico, é mister que a linguagem em que são escriptas seja primorosa, escorreita e limpa dos barbarismos, que por ahi pullulam em algumas peças originaes e nas traducções que se fazem. Alexandre Dumas, cuja auctoridade ninguem contesta, lá o diz n'um dos prefacios das suas obras, que uma peça de theatro deve ser escripta com o mesmo cuidado e esmero como se fosse feita para ser lida. É preciso que, uma vez publicada a peça dramatica, o leitor, que a applaudiu como espectador, não tenha uma cruel desillusão, e quasi um arrependimento por ter assignalado com as suas palmas uma obra, que julgou perfeita, e que, á primeira leitura, se denuncia trabalho de fancaria. E isto succede algumas vezes.

Tambem se diz que entrarão para a companhia a distincta actriz Lucinda Simões, e o sr. Christiano de Sousa, um amador, que, levado por vocação, abandona o fôro pelo palco. A acquisição da notavel artista Lucinda Simões será de enorme vantagem para o theatro de D. Maria. No seu genero, nenhuma outra a excede. Os que se recordam de a ter visto na *Dalila*, de Feuillet. no *Demi-monde*, de Dumas, e n'outros papeis de egual importancia, não pódem deixar de applaudir a entrada de Lucinda Simões no nosso primeiro theatro, e de esperar com anciedade a sua reapparição no palco portuguez.

O sr. Christiano de Souza é um moço intelligente, com um curso da Universidade, com um entranhado amor pela arte, de educação esmerada, e reunindo a estas qualidades uma boa presença, de physionomia expressiva e insinuante, o que constitue um valioso recurso na carreira do palco. É inexperiente; mas se á sua vontade corresponder a applicação, o estudo, o esforço e o aproveitamento dos conselhos de quem lh'os possa dar, póde formar-se um actor muito apreciavel, ainda que com as hesitações naturaes em quem enceta uma carreira.

*
* *

Praça de touros

Para hoje está annunciada uma corrida, em que entra, com a sua quadrilha de picadores e bandarilheiros, o afamado matador *Guerrita*. Na segunda feira, outra corrida pelo mesmo artista, e que deve ser muito interessante, por ser o curro constituido de bois hespanhoes da *ganaderia* do marquez de Saltillo e de bois portuguezes do conde de Sobral. Ha, pois, não só a admirar, mais uma vez, a dextreza e o arrojo de *Guerrita*, mas ainda a vêr, em confronto, os touros hespanhoes com os touros portuguezes.

Não faltarão, de certo, espectadores para as duas corridas, que serão as melhores da epocha.

Brevemente deve realisar-se a corrida promovida pela imprensa de Lisboa, em beneficio das victimas dos Açores. Consta que n'ella trabalharão os mais notaveis amadores conjunctamente com os artistas de mais renome.

Esta corrida attrahirá, sem duvida, uma enorme concorrencia. Afóra o interesse que inspira o trabalho dos lidadores, o fim a que é destinada merecerá todas as sympathias do publico.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1